



# Minhas histórias com as tecnologias

Lúcia Araújo das Chagas<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Estudante da EJA da Escola Estadual Padre João Afonso

**Descrição abreviada:** O presente trabalho é uma série de relatos da autora diante da ascensão das tecnologias digitais.

**Palavras-chave:** Novas tecnologias, EJA, evolução.

Começo este texto contando uma história sobre meus pais. Sempre moramos na comunidade de Padre João Afonso, e eu e meus irmãos nem sabíamos que existia Televisão. Quando um dia meu pai chegou e disse para nós: “filhos vocês vão ficar em casa, cuidem uns dos outros que eu e sua mãe vamos até a cidade do Maranhão, é que lá vai passar na TV a imagem dos homens que foram para a lua e como é difícil sua mãe sai de casa, então essa oportunidade é provavelmente a única para ela”.

Meus pais foram de carroça, visto que esse era o único meio de locomoção que tínhamos. Quando eles chegaram contavam para todos as novidades das imagens que assistiram bastante eufóricos e entusiasmados.

Então lá para os anos 70, fui morar em Itamarandiba, Minas Gerais, com uma prima de meu pai, a Maristela. Meu pai gostaria que eu fosse estudar, lá tinha uma televisão que só podia ligar à noite. Fiquei em Itamarandiba alguns anos e depois voltei para casa, porém estava tendo dificuldades de readaptação. Meu pai conseguiu uma pequena televisão e a imagem era em preto e branco. Como não tinha energia elétrica, a televisão era ligada na bateria de carro. A antena era estendida de uma forma muito alta para conseguir imagens, e também ligávamos a televisão somente a noite. Aí dava para assistir o Roberto Carlos, Martinha, jornal, a jovem guarda e outros.

Não demorou muito tempo e apareceu um homem dizendo que queria por sinal de TV na Serra Negra, visto que lá tinha um ponto muito alto, e o sinal de TV abrangeria mais de 70 municípios. Ele combinou com meu pai e com o Zé Kitute para fazer uma estrada que desse acesso ao ponto mais alto da serra, eles abriram mais de 15 quilômetros de estrada a mão, usando foices, pás, enxadão e enxada, dentro de pouco tempo tinha sinal de televisão na nossa comunidade.



Em 1979, fui morar em Jundiaí, São Paulo, com meus irmãos lá trabalhamos e compramos uma TV, a imagem era em preto e branco, com passar do tempo compramos uma a cores.

Ainda em Jundiaí quando tinha que telefonar era uma pendura. Tinha que ir no orelhão como um saco de fichas e tinha que ter habilidade para trocar de fichas se não perdia a ligação, e a fila era enorme. Com o passar do tempo surgiu o celular, meu Deus como era caro, só consegui comprar um no ano de 2000. Antes usava o telefone fixo dos parentes.

Com o tempo me casei, tive filhos e eles foram crescendo, tive que comprar um computador para que eles pudessem fazer pesquisas escolares. Fiz muitas economias e em 2007 conseguir comprar um. Meus filhos sempre utilizavam o computador, mas como sou curiosa consegui aprender algumas coisas, com isso fazia pesquisa, jogava paciência e outras coisinhas.

Em 2011, mais de 30 anos morando em Jundiaí, voltei para Padre João Afonso. Senti uma enorme diferença, enquanto em Jundiaí usava celular, em Padre João Afonso tinha que vir ligar no orelhão, que usava aquele cartão de unidades e quando eu chegava no orelhão as vezes esse não funcionava.

Voltando para minha comunidade, logo me engajei ao sindicato dos trabalhadores rurais, e alguns movimentos sociais. Desde de 2015 coloraram uma torre de celular em minha comunidade e partir de então, comprei um celular, e passei a usar vários aplicativos e redes sociais.